TRISTE PARTIDA: A SUBJETIVIDADE DO RETIRANTE NORDESTINO

TRISTE PARTIDA: THE SUBJECTIVITY OF MIGRANT FROM THE NORTHEAST

Vanderly Vitoriano de Oliveira (UNEB)

RESUMO: Tenho como propósito neste trabalho, identificar na poesia *Triste Partida,* composição da década de 1950 de Patativa do Assaré, indícios da subjetividade do retirante nordestino e suas representações identitárias. Para tanto, faço uso do método da cartografia como instrumento de esvaziamento de sentidos numa perspectiva híbrida, tomando como base a relevância da tríade significante, significado e contexto. Além disso, me proponho a mapear nesta poesia rastros que incidem o lugar de subalternidade da ordem discursiva de Patativa do Assaré. Assim, desenvolvo um enfoque epistemológico considerando o imaginário do retirante nordestino como o *locus* em movimento múltiplo de representações sociais e inscrições subjetivas.

Palavras-Chave: Retirante Nordestino, Subjetividade, Subalternidade e Representações Identitárias.

ABSTRACT: I regard this work as identified in the poetry of the *Triste Partida*, composition of the 1950 of Patativa do Assaré, evidence of the subjectivity of the migrant from the Northeast and its representations of identity. For this, I use the method of cartography as a tool for emptying the senses in a hybrid approach, based on the relevance of the triad significant, meaning and context. In addition, I propose to map trails in this poetry that affect the place of subalternity of the discursive order of Patativa do Assaré. So, I develop an epistemological approach considering the imaginary migrant from the Northeast as the moving locus of social representations and entries subjective.

KEYWORDS: Migrant from the Northeast, Subjectivity, Subalternity and representations of identity.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se insere no campo de pesquisa em crítica cultural e traz como proposta a interpretação da representação do imaginário do retirante nordestino sob a

perspectiva da poesia triste partida de partida de Patativa do Assaré na década de 1950, logo entra em cena a possibilidade de discutir questões que dizem respeito à retirante nordestino, subjetividade, representações identitárias e subalternidade. Para tanto, faço uso da cartografia como instrumento de esvaziamento de sentidos numa perspectiva híbrida, tomando como base a relevância da tríade significante, significado e contexto, proposta por Bhabha (1998). Nesta perspectiva, ele sugere a ideia de estudo da literatura enquanto processo discursivo contextualizado. Assim, Bhabha (1998) ainda afirma que no estudo semiótico, no interstício entre o significado e o significante está o contexto sócio-histórico e ideológico do usuário da linguagem – *locus* de enunciação – onde se visibiliza o hibridismo, denominado por ele como *terceiro espaço*.

Pensando assim, percebo que torna possível desenvolver a interlocução entre o pensamento de Bhabha (1998) acerca da relevância do contexto no processo de compreensão das diferenças culturais e o método em cartografia que reconhece a subjetividade como uma experiência múltipla e socializadora, conforme Guattari & Rolnik (2005, p. 40),

> Para mim os indivíduos, são resultados de uma produção de massa. O indivíduo é serializado, registrado, modelado. Freud foi o primeiro a mostrar até que ponto é precário essa noção de totalidade do ego. A subjetivação não é passível de totalização ou de centralização do indivíduo. Outra é a multiplicidade dos agenciamentos da subjetivação. A subjetividade é fabricada e modelada no registro social.

Estes posicionamentos surgem a partir do entendimento de que seja necessário estabelecer uma articulação teórico-metodológica que visa problematizar as posições discursivas acerca da produção cultural de patativa do Assaré, enquanto poética que se articula sob a égide performática do telurismo crítico-social. Desse modo, torna-se imprescindível sua instrumentalização para interrogar os acontecimentos sócio-históricos e pôr em relação às linhas de forças e intersecções, onde estão subjacentes os monopólios das *divisões binárias,* termo empregado por Derrida (2001), que se adequa neste estudo sobre o retirante nordestino com o intuito elucidar a concepção antropológica de *meio e raça* como

fatores que definem os espaços binários entre norte/sul e branco/mestiço elaborados pelo discurso organizado na construção da identidade nacional, pensamento este utilizado apologeticamente por parte dos intelectuais, antropólogos, escritores e artistas que forjaram no senso comum um ideário inventivo acerca do nordeste, afetando através disso a subjetividade do sertanejo e do que se diz dele e, ao mesmo tempo, efetivando zonas de agenciamentos. Diante disto, Albuquerque (2001) afirma:

> A instituição sociológica e histórica do nordeste, não é feita apenas por seus intelectuais, não nasce apenas de um discurso sobre si, mas se elabora a partir de um discurso sobre e do outro, sul. O nordeste é uma invenção, não apenas do nortista, mas em grande parte, uma invenção do sul, de seus intelectuais que disputam com os intelectuais nortistas a hegemonia no interior do discurso histórico e sociológico.

Neste sentido, é salutar também perspectivar possibilidades múltiplas de deslocamento das linhas de forças que afetam a subjetividade do retirante nordestino, e também, decifrar nesses movimentos as linhas de fugas elaboradas como produções simbólicas de resistência, a exemplo disto o *uso que os meios populares* (a poética de Patativa do Assaré) fazem das culturas difundidas e impostas pelas *elites* produtoras de linguagem. Acerca disto, comenta Certeau (2007, p.19):

> Os mecanismos de resistências são os mesmos, de uma época para outra, de uma ordem para outra, pois continua vigorando a mesma distribuição desigual de forças e os mesmos processos de desvios servem ao fraco como recurso, como outras tantas escapatórias e astúcias, vindas de “imemoriais inteligênciais”, enraizadas no passo da espécie, nas “distâncias remotas do vivente” (...).

Ademais, me proponho a mapear nesta poesia rastros que incidem o lugar de subalternidade da ordem discursiva de Patativa do Assaré, para tal interpretação indago as atribuições dessa ordem discursiva tomando como inspiração o pensamento de Nietzsche (1978) para questionar a vontade de verdade, no intuito de que meu olhar não esteja aprisionado a um caráter mórbido dos elementos constitutivos do texto. Assim, a proposição da pesquisa cifra-se em trabalhar as linhas da subjetividade que compõem os modos de

existência e pertencimentos que se expressam como acontecimentos e evocação de fala do menor.

TRISTE PARTIDA: O ITINERÁRIO DA SUBJETIVIDADE DO RETIRANTE NORDESTINO

Mesmo sendo uma imagem recorrente, é salutar recobrar o nosso imaginário social, para relembrar a cena do migrante nordestino dentro do *pau-de-arara* lotado de outros companheiros, rumo ao sonho de superação de muitos obstáculos atrelados a sua realidade social. A construção dessa subjetividade acompanha o movimento do caminhão *pau-de-arara* que o conduz a um destino ambíguo que traz no seu cerne as expectativas de realização, mas também o sentimento do ostracismo violento na representação de uma barbárie imposta pelas condições econômicas e sociais.

Setembro passou, com Oitubro e novembro,
Já tamo em dezembro,
Meu Deus que é de nós?
Assim fala o pobre do seco nordeste
Com medo da peste,
Da fome feroz.

A treze do mês ele fez a esperiença
Perdeu sua crença
Nas pedras de Sá
Mas noutra esperiença com gosto se agarra
Pensando na barra
Do alegre natá

Rompeu-se o natá, porém barra não veio,
O só bem vermeio,
Nasceu muito além
Na copa da mata buzina a cigarra,
Ninguém vê na barra,
Pois barra não tem.

A *Triste partida* representa a capacidade do poeta retratar os elementos simbólicos valorativos pertencentes a sua cultura. De maneira pela qual, ele põe em relação os sentidos desses signos representativos quando compara as nomeações de crença metafísica com a realidade temporal presente e, ao mesmo tempo, sugere uma linha de fuga como nova

possibilidade de superação, que sucumbe e extrapola a previsibilidade do discurso desta lógica metafísica ocidental, que segundo Derrida (2001), este processo se dá pela desconstrução do discurso logocêntrico com a função de desmontagem visando estabelecer uma nova ordem construtiva.

> *Apela pra maço, que é o mês preferido*
> *Do santo querido,*
> *Senhô São José.*
> *Mas nada de chuva! Tá tudo sem jeito,*
> *Lhe foge do peito*
> *O resto da fé.*

Vale ressaltar, que o fator religioso impregnado na linha discursiva da poesia representa em seu bojo um elemento constitutivo da subjetividade do sertanejo. Portanto, o esvaziamento do sentido da fé não é necessariamente a negação da mesma, mas, sobretudo, a ressignificação da visão de esperança, que agora se pauta na perspectiva de interpretação contextual da realidade político-social, em que sua garantia de sobrevivência sustenta-se não mais na base determinista das forças naturais e espirituais, nesta compreensão Souza (2004, p. 117) defende o seguinte pensamento:

> Essa postura desconstrutiva, que elimina o conceito de uma realidade transcendental e não-mediada, abre uma fenda entre o significante e o significado, postulando o texto não como representação de algo exterior – um logos – mas sim como um processo produtivo de significados, através do qual várias posições de sujeito ideológicas e historicamente situadas podem ser estabelecidos, posições a partir das quais o significado é construído e o leitor e o autor são posicionados.

Por este prisma, constata-se que o poema de Patativa do Assaré evidencia paulatinamente um processo histórico e ideológico e de transitoriedade da subjetividade como um manifesto de esperança que revela as diversas formas de resistência do sertanejo diante das condições de precariedades impostas pelas realidades econômicas e sociais. Essa transição perpassa pela transposição do olhar essencialista que se pauta na natureza para o momento da materialidade que se reflete nas novas perspectivas e significações.

Agora pensando segui outra tria
Chamando a famia começa a dizê:
Eu vendo meu burro, meu jegue e cavalo,
Nós vamo a São Paulo vive ou morrê.

Nós vamo a São Paulo, que a coisa tá feia:
Por terra alêia, nós vamos vaga
Se o nosso destino não fô tão misquinho
Pro mermo cantinho
Nós torna a vortá.

É interessante destacar, que as elaborações dominantes inscritas no transcorrer da construção da identidade nacional, ganham significados subjetivos no intuito de estabelecer a formação de um imaginário regional que versa com os interesses estratégicos do projeto político econômico capitalista. Mas que também, paralelo a isso, está ligado ao aspecto de uma nova cultura instaurada no projeto nacionalista, que permeia um modelo ideário cultural sustentado na supremacia dos grandes centros industriais urbanos, tendo como maior representação deste desenvolvimento o estado de São Paulo. Contudo, mesmo que esteja apresentando o modelo do sul como alternativa socioeconômica de sobrevivência, está presente nessa subjetividade poética um viés de contato com a realidade de maneira consciente, e que desconstrói a idéia de civilização perfeita e sobre estes mecanismos de produção subjetiva dominante Guattari & Rolnik (2005, p. 78) se posicionam:

> O que é produzido pela subjetividade capitalista, o que nos chega através da mídia, da família, de todos os equipamentos que nos rodeiam, não são apenas idéias; não são a transmissão de enunciados de significantes; Nem são modelos de identidades (...). São mas essencialmente, sistemas de conexão direta entre, de um lado, as grandes máquinas produtoras e de controle social e, de outro, as instâncias psíquicas, a maneira de perceber o mundo.

Por essa perspectiva, observamos o quanto o sistema capitalista é violento ao utilizar sua maquinaria ideológica para fundamentar suas concepções fetichistas que se inscrevem na subjetividade do sertanejo nordestino e que estão sendo retratadas em

processos de desmontes nesta poética de Patativa. Esta *produção simbólica*[1] contribui como desígnio para as noções marcantes de regionalismo, modernismo e naturalismo com fins de estabelecer um construto inventivo e conceptual acerca do norte-nordeste. Na contrapartida desses sistemas de conexão e de controle social, a poética de Patativa revela uma subjetividade que desmitifica a noção dominante acerca da superioridade da região sul em relação ao norte/nordeste, quando no poema ele enaltece os múltiplos pertencimentos como forma de afirmação cultural e, concomitantemente, revela sua estranheza diante das novas realidades presentes no cenário do sul do país, mais especificamente no estado de São Paulo.

Chegaro em São Paulo – sem cobre, quebrado
O pobre, acanhado,
Procura um patrão
Só se vê cara estranha, da mais feia gente,
Tudo é diferente
Do caro torrão.

Analisando este fragmento, constatamos a dificuldade de percepção do nortista em estabelecer relações intersubjetivas, a ponto de não reconhecer no contato com o "outro", nesse caso o sulista, uma possibilidade harmoniosa. Pelo contrário, estava instaurado um conflito devido às marcas da rejeição, do preconceito e inferiorização difundidas pelos sistemas de controle hegemônicos efetuadas nas instâncias psíquicas e refletidas nas formas de tratamento dos brancos-sulistas em relação aos mestiços-nortistas. Além disso, antes de parecer um ponto de chegada, o sul é vislumbrado por esse retirante como um entreposto, um lugar de trabalho e fortuna, um espaço temporal de ressignificação que aponta para o retorno do seu ambiente de origem.

A SUBALTERNIDADE NA POÉTICA DE PATATIVA DO ASSARÉ:

Outra questão pertinente neste estudo refere-se ao aspecto do caráter subalterno na poética de Patativa. Para isso, é salutar no processo de desenvolvimento deste trabalho

[1] Conceito formulado por Pierre Bourdieu no livro *Reprodução*, de 1970.

discutir o que realmente define uma obra literária enquanto subalternidade. Desse modo, pautamos algumas reflexões iniciais quanto a esta questão neste artigo, o que nos ajudará a entender melhor a significação de literatura menor (subalterna). Segundo o pensamento de Deleuze e Guattari (1995), na obra *O que é uma literatura menor*, pode-se destacar três características marcantes para a compreensão do lugar de uma literatura menor (subalterna): primeiro, que o *menor* está relacionado com a prática de uma minoria numa língua maior que é modificada, desterritorializada e reterritorializada; segundo, que esta literatura traz no seu conteúdo uma natureza política; terceiro, que é perceptível o valor coletivo demonstrado neste tipo de produção cultural deste material e suas constituições objetivas e subjetivas enquanto movimento dialético.

Nestes termos, quando observamos o movimento de migração ocorrido pelo retirante nordestino, constamos neste movimento muitos fatores implicados na década de 1950 com aspectos econômicos presentes nas perceptíveis mudanças da política econômica mundial, pautadas no desenvolvimento industrial que consequentemente atingiu o Brasil na era Vargas (anos 1930) e adentrou nas décadas posteriores. Devido a isso, novas configurações instauradas permeando o cenário cultural nacional e que subjetivamente trazia no imaginário nordestino outras encenações existenciais que mexiam com suas concepções.

O que ocorreu no plano existencial do retirante (migrante) nordestino pode ser metaforicamente discutido no plano da produção literária enquanto máquina de guerra do movimento cultural, o que fará compreender com mais clareza o significado de subalternidade enquanto desterritorialização e reterritorialização.

Portanto, na subjacência da territorialidade há a coexistência entre desterritorialidade e reterritorialidade, que atuam como campo de força que movimenta para desarraigar o texto do território canonizado e reterritorializá-lo no campo do desejo enquanto *devir*. Portanto, é neste espaço discursivo que a poética *Triste Partida* de Patativa do Assaré assume e representa a desterritorialidade dos discursos hegemônicos elaborados pelos intelectuais que organizavam o pensamento cultural brasileiro e colocavam o *norte/nordeste* em condição de desfavorecimento em relação ao *sul/sudeste*.

Distante da terra tão seca tão boa,
Exposto a garoa,
À lama e ao paú.
Faz pena o nortista, tão forte, tão bravo,
Vivê como escravo
Nas terra do Sú.

Mediante estas considerações, torna-se possível estabelecer uma interpretação teórico-metodológica que tenta vislumbrar o lugar de subalternidade da poética de Patativa do Assaré. A partir da ideia de firmar parâmetros indiciários que constituam registros identitários em triste partida, é válido situar, neste estudo, o caráter oral que compreende todo período do emprego de uma língua falada em versos, retomada no estilo da pronúncia popular, a saber, a utilização do que Alencar (1967, p. 11) definiu como língua cabocla:

> A linguagem sertaneja, de tonalidade própria, fértil em metáforas e metáteses, avessa aos esdrúxulos, com freqüentes abrandamento ou amolecimento e vocalização de consoantes e grupos consonantais, com a eliminação das letras e fonemas finais.

Estas marcas da oralidade referendadas por Alencar (1967) acerca da poética de Patativa confirmam a origem rural do poeta, demarcando os espaços de representações culturais que expressam manifestações populares inerentes ao contexto do território existencial. Neste sentido, é que a revolução crítica cultural representa uma arma necessária para movimentar os espaços e tempos no intuito de desmontar a lógica arborescente dos domínios sociológicos do capitalismo, do stalinismo e do nazifacismo; e também das estruturas da semiologia que ficou aprisionada a linguística e ao psicologismo. Sendo assim, a articulação crítico-cultural neste trabalho consiste em decodificar na poesia T*riste Partida* as marcas das situações existenciais presentes no contexto histórico e social do retirante nordestino e desse modo, incidir reflexões políticas no contradiscurso hegemônico. Para isto, Freire (2005, p. 126) vem corroborar com esta discussão ao afirmar:

> Na medida em que representam situações existenciais, as codificações devem ser simples na sua complexidade e oferecer possibilidades plurais de análises na sua descodificação, o que evita o dirigismo massificador da codificação propagandística. As codificações não são slogans, são objetos cognoscíveis, desafios sobre o que deve incidir a reflexão crítica dos sujeitos decodificadores.

Para Freire (2005), a percepção da percepção anterior e o conhecimento do conhecimento anterior revela um processo dialético efetivado pela perspectiva da práxis. Inspirados neste pensamento podemos compreender que isto vem representar no jogo discursivo a necessidade de construir novas possibilidades de conhecimentos, em que se valoriza outras manifestações que estão fora das linhas normativas dos discursos. Isto perpassa pelo reconhecimento da visão micropolítica dos acontecimentos culturais e sociais, além de estabelecer, o rompimento com os moldes estéticos pré-estabelecidos pelas forças hegemônicas fundamentadas no estruturalismo limitante, estilístico e performático, totalizante ao mesmo tempo homogeneizador.

Em contrapartida, os estudos culturais devem ser fomentadores de reflexões que favoreçam os espaços de potencialização do que é produzido a partir das marcas do cotidiano multicultural, daqueles que vivem no lugar da negação. Desse modo, a contribuição crítica ocorre no intuito de evidenciar novas ordens discursivas e suas especificidades, operando configurações de falas e de desejos enquanto manifestação do cotidiano, operados no *devir.* A partir do próprio discurso de aparição e da regularidade dos acontecimentos, é importante verificar condições externas de possibilidades, àquilo que dá lugar à série aleatória desses acontecimentos e fixa suas fronteiras. Para o melhor entendimento desta questão, podemos nos apoiar na reflexão de Foucault (1996, p. 57 e 58), quando afirma que:

> O acontecimento não é nem substância nem acidente, nem qualidade, nem processo; o acontecimento não é a ordem dos corpos. Entretanto, ele é imaterial; é sempre no âmbito da materialidade que ele se efetiva que é efeito; ele possui seu lugar e consiste na relação, coexistência, dispersão, recorte, acumulação, seleção de elementos materiais; não é o ato nem a

> propriedade de um corpo; produz-se como efeito de e em uma dispersão material.

No demais, percebo que não é admissível aos estudos culturais desenvolver uma dinâmica epistemológica e metodológica sem se desprender das forças atribuitivas da tripartição realidade (mundo), representação (livro) e subjetividade (autor). Nesta direção, entende-se que os processos construtivos são operados no movimento de forças não mais de forma fragmentada, tripartida, enclausurada. Pensando sob esta ótica, Arantes (1996) compreende que o entendimento sobre cultura perpassa pelo desenvolvimento das operações mentais de codificação e descodificação de sinais (signos) que revelam afirmações simbólicas, significativas do retrato sociocultural, com isto, acredito que não se encerra objetivamente no lugar do canônico tido como verdadeiro, porém, as condições construtivas são operadas na desterritorialização e reterritorialização pelos movimentos dos significantes e significados.

Diante disto, surge o interesse de se inspirar no conceito de sujeito pós-moderno de Hall (2006), quando ele visualiza a questão da identidade como uma celebração móvel em constante transformação, como algo que não está definido no plano biológico, mas no plano histórico, articulada em processos diversos para além da noção do fixo, do uno e do estável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Diante das considerações elaboradas neste trabalho, se faz necessário perceber que os enunciados da voz nordestina podem ser diferenciados daquilo que é proposto enquanto nordestinidade pela elite intelectual dominante. O próprio Patativa do Assaré compôs um outro poema denominado *Nordestino sim, nordestinado não* que vem reforçar seu contradiscurso no que tange a questão da lógica da submissão:

Nunca diga nordestino,
Que Deus lhe um destino,
Causador do padecer,
Nunca diga que é o pecado,

ISSN: 1982-3916
ITABAIANA: GEPIADDE, Ano 5, Volume 9 | jan-jun de 2011.

Que lhe deixa fracassado sem condição de viver.[2]

É preciso fazer valer na produção acadêmica posicionamentos crítico da cultura que extrapolem os ditames das organizações hegemônicas do capitalismo. Para isto, temos de começar por esvaziar os sentidos atribuídos nos processos de organizações sociais que são respaldados pela canonização da literatura comprometida com interesses dominantes e homogêneos provenientes do pensamento eurocêntrico e nazifascista acerca da pureza racial. Ademais, isto não implica em desenvolver uma postura de antinomias vazias frente aos pseudônimos que demarcaram estereotipadamente as imagens sobre o nordeste e o nordestino, mas, sobretudo pôr em questão estes significantes e significados a partir de pontos diferentes que se manifestam como linhas de fuga das subjetividades ligadas ao território existencial. É relevante trazer para discussão outras produções como a triste partida no objetivo de potencializar o lugar de fala do menor. Neste caso, o "nordestino" uma voz negada que agora insurge como possibilidade de desconfigurar enquanto potência simbólica as noções hegemônicas de precarização nordestina construídas nos registros do real e do imaginário no transcorrer da formação da identidade nacional, ao mesmo tempo em que este movimento dialético do contradiscurso representa o motor de ressignificação na reterritorialização destes registros.

REFERÊNCIAS:

ALBUQUERQUE. JR., Durval Muniz. **A invenção do nordeste e outras artes.** 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ALENCAR, Arraes. **Prefácio de Cantos de Patativa.** Rio de Janeiro, 1967.

AMATUZZI, M. M., **A subjetividade e sua pesquisa**. Memorandum, 10, 93-97. Disponível em http//www.fafich.ufmg.br/-memorandum/a10/amatuzzi03.html>. Acessado em 07 de setembro de 2011.

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

ASSARÉ, Patativa. Triste Partida. In: **Ispinho e Fulô**. 3ª Ed. Fortaleza-CE: 2001.

[2] Cf. ASSARÉ, Patativa. Nordestino sim, nordestinado não. In: **Ispinho e Fulô**, 3ª Ed. Fortaleza-CE: 2002.

ASSARÉ, Patativa. Nordestino sim, nordestinado não. In: **Ispinho e Fulô**, 3ª Ed. Fortaleza-CE: 2002.

BHABHA, Homi K., **O Local da Cultura**. Tradução de Myrian Ávila. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BORDIEU, Pierre. **Reprodução**: Elementos para uma teoria do sistema de ensino, Lisboa Editorial Vega, 1978.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano** - artes de fazer. 13ª Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. Rizoma. In: **Milplatôs. Capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, G. O que é uma literatura menor? In: **Kafka: Por uma literatura menor.** Tradução Castanon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

DERRIDA, Jacques. **Posições.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** 4ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia do oprimido.** 46º Ed. São Paulo: Cia das letras, 2005.

GUATTARI, Félix & ROLNIK, Suely. **Cartografia do desejo.** 7ª Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade.** 11ª Ed. Rio de Janeiro: De Paulo, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras Incompletas.** "Coleção pensadores". Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo, abril cultural, 1978.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. 5ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

SOUZA, Lynn Mario T. M. de. Hibridismo e Tradução Cultural em Bhabha. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin (org). **Margens da cultura**: Mestiçagem, Hibridismo & Outras culturas. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004. P. 113-133.